

## Ser um músico nas Seychelles: Ser «músico das Seychelles» ou «músico do mundo» ?

Marie-Christine Parent

Université de Montréal / Canada

Université de Nice-Sophia-Antipolis / France

[mc.parent@umontreal.ca](mailto:mc.parent@umontreal.ca)

**Resumo:** Este trabalho apresenta a vida de músicos das ilhas Seychelles, arquipélago do oceano Índico, envolvendo seu cotidiano e suas estratégias para desenvolver uma carreira profissional e artística no país, desde os anos 80. As estratégias usadas pelos músicos para atenuar as limitações ligadas à insularidade, aos problemas de gestão interna e à falta de infraestruturas, variam de acordo com suas experiências musicais, pré-disposição para administrar e gerenciar a carreira e os projetos e, finalmente, com o posicionamento dentro da esfera política e social do país. Também foi observada uma mudança dos referentes identitários expressados através das escolhas musicais e intenções dos músicos. A internet e a ação da diáspora mudam bastante os comportamentos e experiências musicais, que têm uma tendência a se globalizar.

**Palavras-chave:** Seychelles; músicos; profissionalização; referente identitários; local-global

**Abstract:** This paper is about the everyday life of musicians from the Seychelles islands, an archipelago situated in the Indian Ocean, and the strategies they have used to develop their professional and artistic career, from the 1980s onwards. The strategies employed by these musicians are used to reduce the limitations caused by insularity, the problems of internal management and the lack of infrastructures, and depend on their musical experience, their management abilities and their positioning in the country's political and social sphere. A change in the musicians' expression of their identity was also observed, displayed, through their musical choices and intentions. The use of internet and the actions of the diaspora, which lead to globalization, have also had a considerable impact on the musical behaviour and experiences in the Seychelles islands.

**Keywords:** Seychelles; musicians; professionalization; identity referent; local-global

Este trabalho apresenta a vida de músicos das ilhas Seychelles, arquipélago do oceano Índico, envolvendo seu cotidiano e suas estratégias para desenvolver uma carreira profissional e artística no país. Em um primeiro momento, será apresentado o âmbito no qual os músicos realizam a maioria de suas atividades musicais desde a independência do país, em 1976. Nesse período, o país passou por muitas mudanças, não só no espaço político, mas também a níveis sociais e econômicos. A função social da música foi transmutada e os músicos começaram a se profissionalizar. Na segunda parte, serão descritas as trajetórias de dois músicos seychellois para ilustrar estratégias usadas para viver da música dentro do contexto das Seychelles dos anos oitenta até os dias de hoje. Finalmente, um olhar nas práticas mais recentes dos músicos nos permitirá analisar as tendências atuais, que posicionam os músicos seychellois dentro de uma conjuntura internacional.

### **Ser um “músico nas Seychelles”**

Nessa primeira parte, serão abordados aspectos gerais do meio artístico nas Seychelles, incluindo as condições de trabalho e o estatuto dos músicos do início dos anos 80 até os dias atuais. As observações e informações aqui citadas foram adquiridas em pesquisa de campo e entrevistas com músicos das Seychelles no período de 2011 a 2014.

As ilhas Seychelles estão situadas no oceano Índico, entre o equador e o nordeste de Madagáscar. O arquipélago é formado por 115 ilhas, mas a população local se concentra principalmente nas ilhas de Mahé, Praslin e La Digue. Devido à sua posição geográfica e sua realidade – social, econômica e política – enquanto arquipélago, podemos falar de limitações ligadas à insularidade. Tais fatores podem acarretar uma marginalização que dificulta a integração com vários fluxos globais, como cultural, econômico e de comunicação.

Os músicos nas Seychelles evoluíram em um contexto marcado historicamente pela colonização (francesa e britânica), seguida pela independência relativamente recente (1976) e pelo golpe de Estado, que provocou o que os Seychellois chamam de revolução. Após o golpe, a Constituição de 1979 proclamou as Seychelles como “República socialista soberana com partido único” (Campling 2011). O partido socialista, no poder até hoje, prosseguiu com os objetivos de valorização do patrimônio cultural local iniciado pelo governo anterior, com o intuito de melhor controlar o desenvolvimento cultural, social e econômico do país. Essa forma de institucionalização da cultura local ocasionou mudanças nas práticas musicais, assim como no estatuto dos músicos. A década de 80 foi marcada pelo desenvolvimento da cultura nacional, na qual os músicos participaram diretamente.

Enfim, uma nova constituição instaurou o princípio da democracia no país em 1993 (Campling 2011).

Se as Seychelles podiam ser consideradas um país pouco desenvolvido antes da independência, a nova nação adotou um estilo de vida “moderna” rapidamente. A indústria turística, principal fonte de renda do país e também dos músicos, se desenvolveu durante os anos 1970. O rádio esteve presente nas Seychelles desde 1963, mas a televisão só apareceu em 1983. Os meios de comunicação e as tecnologias definitivamente tiveram um impacto na extensão das músicas e no cotidiano dos músicos. A internet chegou às Seychelles em 1996, porém com um preço alto que limitava o acesso dos Seychellois, sendo quase de uso exclusivo dos turistas dos hotéis. A fibra óptica chegou às Seychelles em maio de 2012, graças a um empréstimo do Banco Europeu de Investimento. Apesar dos altos custos para adquirir aparelhos de informática, eletrônicos em geral e softwares, a maioria dos músicos com menos de quarenta anos possuem laptop.

Nas Seychelles, os músicos encontram dificuldades para comprar instrumentos musicais, tendo a maioria dos instrumentos da Escola Nacional de Música sido doados por outros países como a China. Uma nova loja de instrumentos musicais foi aberta no Eden Island, bairro nobre da ilha de Mahé, em 2013. Porém, os músicos que desejam adquirir um instrumento no país ainda precisam pagar um preço alto. Uma alternativa comum é a importação dos instrumentos e materiais de trabalho.

Além das competências musicais, os músicos e cantores das Seychelles devem ser versáteis para pretender viver da música. Os músicos Seychellois geralmente sabem tocar diferentes estilos musicais e/ou diferentes instrumentos. Por exemplo, não é raro de achar o mesmo músico tocando jazz num hotel e música local num outro, ou mudar de instrumento em função dos contextos. O músico Darren Bonnelame administra diferentes grupos musicais (jazz e música crioula local) nos quais atua como tecladista, além de ser trompetista, baterista e possuir um pequeno estúdio de gravação. Na sua opinião é necessário ser versátil na área da música nas Seychelles para ter a oportunidade de viver profissionalmente como músico. Ainda é escasso o número de músicos especializados em diversos instrumento, como por exemplo instrumentos de sopro. Assim, com suas competências musicais e sua rede de contatos, ele está pronto para aceitar qualquer tipo de contrato como músico. O baterista Mervin Nibourette toca com a maioria dos cantores famosos das Seychelles e também com músicos do oceano Índico. Porém, sentiu falta de criar suas próprias músicas e organizou seu grupo *Metis Sesel*, no qual toca bateria e canta. Na maioria das vezes as oportunidades da banda tocar se limitam às apresentações nos hotéis, mas o grupo busca desenvolver novos mercados como restaurantes, cassinos

locais e apresentações locais. As quase únicas oportunidade para a banda tocar são nos hotéis, mas ele, com colegas músicos, tenta desenvolver um mercado nos restaurantes e no casino local e assim tocar para Seychellois também. Efetivamente, as oportunidades para tocar são bastante raras fora da temporada do Carnaval ou do Festival Kreol (dos quais nem todos os músicos fazem parte) e das apresentações para turistas em hotéis e restaurantes. Em um contexto no qual tanto o mercado quanto o público são limitados e o turismo prima, os músicos expandiram seus referentes identitários e buscam inserir-se em um mercado global, internacional ou mesmo na indústria musical da *world music*.

O Ministério da Cultura supervisiona o conjunto das atividades culturais dentro do país, mantendo uma ligação com a população geral e artistas através de instituições governamentais como o Conselho Nacional das Artes e o *National Conservatoire for Performing Arts*. Todavia, os orçamentos limitados e a ausência de programas e diretrizes obstruem a realização de projetos e alimentam um nepotismo dentro das instituições. Enfim, uma estrutura de gestão da propriedade intelectual foi organizada em 2005, mas os desafios para ter um bom funcionamento e para convencer os músicos a se associarem ainda são numerosos. De uma maneira geral, a falta de recursos financeiros e humanos representa uma enorme barreira para o setor cultural nas Seychelles. Efetivamente, são poucos os músicos que vivem da música propriamente dita, estando a maioria envolvida em outras atividades como produção, administração, técnico no estúdio, auxiliar de palco, etc.

Assim, os músicos devem encontrar soluções para atenuar as limitações da falta de salários adequados, dos problemas de gestão interna, e também da falta de estruturas que favoreçam o desenvolvimento profissional. Por exemplo, existem apenas duas salas de espetáculos nas Seychelles, o Teatro Nacional e o Centro de Convenções Internacional, com capacidade de menos de 600 pessoas em cada. No documento chamado “Estratégia de implementação para o desenvolvimento da indústria da música”, o especialista da Unesco escreve: “A indústria da música em Seychelles enfrenta todos os desafios e oportunidades que as pequenas empresas têm de lidar com uma economia em ilha com potencial limitado para o consumo interno e uma força de trabalho sob-formada” (Stanbury 2012: 13). Ele também destaca a falta de recursos humanos e de competências na área da administração e gerência no meio artística: “Os níveis de serviço nas áreas de gerenciamento de artistas, representação coletiva por meio de associações de música, suporte técnico e outros, estão abaixo dos padrões internacionais aceitáveis” (Stanbury 2012: 14-15).

Todo esse contexto despertou meu interesse pelo cotidiano dos músicos e suas

estratégias para desenvolver uma carreira profissional dentro das Seychelles.

### **Ser um “músico das Seychelles”: casos de dois músicos populares**

Nesta seção serão apresentados dois músicos da mesma geração que contribuíram significativamente para o crescimento do repertório da música popular seychellois, ilustrando as estratégias usadas para viver da música dentro do contexto das Seychelles dos anos oitenta até os dias atuais. Certamente, eu poderia escolher e apresentar outros músicos para melhor demonstrar as tendências e as diferentes carreiras musicais dos artistas das Seychelles. Escolhi dois cantores e músicos que considero representativos em sua geração e que também são posicionados nas extremidades de um contínuo que pode ser chamado de integração profissional.

Estas trajetórias de vida emergem a partir de observações, entrevistas e discussões durante a pesquisa de campo. Já que os indivíduos são agentes e receptores de mudanças (Nettl 1984: 176), as analogias que resultam dessas trajetórias conferem um valor heurístico forte, que vai além dos casos pessoais estudados, e propõe de analisar essas trajetórias consideradas como um útil metodológico (Le Menestrel 2012). O objetivo dessa atenção ao indivíduo dentro da etnomusicologia é ampliar a reflexão sobre teorias e questões da agência (*agency*), da prática, das mudanças e do poder (Rice e Ruskin 2012: 318).

O primeiro músico é Patrick Victor, o cantor mais popular e famoso das Seychelles apelidado de “*rwa sega*” (rei *sega*) pela mídia e guias de turismo. Patrick viajou para diversos países representando as Seychelles como diretor da Trupe Nacional, um conjunto de música folclórica criado no início dos anos 80. Atualmente, atua como diretor artístico na maioria das produções e teatros musicais das Seychelles, geralmente produzida pelo Ministério da Cultura.

Patrick Victor foi um dos primeiros músicos que tive contato quando cheguei nas Seychelles. Sua carreira profissional baseia-se na música, acumulando contratos tanto como músico (cantor e guitarrista) quanto como diretor artístico ou gerente do seu próprio estúdio de gravação, considerado o mais importante do país. Seus contratos são obtidos essencialmente através do Ministério da Cultura e instituições parceiras, que juntos dominam o espaço musical. Trata-se de uma pessoa muito articulada e empenhada, modelo de músico-cantor reconhecido e respeitado no contexto das Seychelles.

Além das atividades de músico e produtor, participa da associação de músicos do país que defende os interesses da comunidade artística e estabelece ligações com o Ministério da Cultura e com instituições privadas e semiprivadas do setor da música e do turismo. Como

o próprio artista observou recentemente, ele pode ser considerado um músico-funcionário. Patrick seduz o público local com letras em crioulo e o amor por seu país. Já entre o público internacional, faz sucesso com suas músicas exóticas e acessíveis, que seguem o estilo “*de variété*”. Defensor da cultura musical tradicional das Seychelles, inspira-se nas músicas locais em suas composições (ritmos, melodias, tópicos nas letras, etc). O fato de falar crioulo, francês e inglês o deixa confortável com as mídias internacionais. Ele se posiciona como um representante da cultura nacional, estando ligado ao governo. Sua música transmite referentes identitários nacionais e até mesmo supra nacionais, com uma assinatura singular (Desroches 2011) (na poesia das letras, na sua voz, nos encadeamentos harmônico, etc).

O segundo caso a ser descrito é do músico François Havelock, considerado pelo povo um “*rwa sega*”. Nosso primeiro contato foi ao acaso em um momento de lazer. Fomos apresentados por um amigo em comum e aproveitamos a oportunidade para discutirmos sobre a música em sua vida. Depois desse encontro, nos falamos poucas vezes, de maneira informal. Era difícil marcar um encontro oficial com ele, devido ao seu estilo de vida. Ele participou da Trupe Nacional tocando baixo sob direção de Patrick Victor. Cantor *sega* por excelência, conquistou o público seychellois narrando histórias em canções com as quais o povo se identifica. Infelizmente, François faleceu em julho de 2013, com 57 anos, por problemas de saúde.

Os últimos anos de sua vida foram marcados pela solidão e problemas com álcool. Em uma de nossas conversas, François relatou sua decepção com o sistema político-social do país. Apesar de ter viajado para outros países pela Trupe Nacional, confessou que nem sempre recebia remuneração e que as condições eram difíceis. Seu amor pela música prevaleceu por toda vida, mas sua decepção diminuiu a vontade de lutar por melhores condições. De acordo com o jornalista Gilly Jean do “*Seychellois hebdo*”, jornal do partido da oposição, o título do último álbum de François Havelock “*Mon pe ganny kraze*” (Eu estou me sentindo esmagado, humilhado), resume o triste final do artista:

Infelizmente sentiu que estava sendo esmagado por um sistema que ele próprio havia ajudado a se estabelecer, que agora tinha se virado contra ele e estava matando-o. O cantor se sentiu abatido alegando ter sido usado e depois colocado de lado por pessoas em que mais confiava, que atuaram contra ele a favor do sistema (Gilly Jean, *Le Seychellois Hebdo*, 9 de agosto 2013).

Ele deixou um repertório de cerca de cem canções “*sega*” que fazem, e certamente continuarão fazendo, parte de todas as festas seychelloises. François cresceu em um meio musical e começou tocar nos hotéis e festas populares quando ainda era adolescente. O povo se reconhece nele, é um artista popular. Ele falava somente crioulo, resguardando a

língua e a cultura local. No seu ponto de vista, esse fator linguístico limitou a difusão de sua música no âmbito internacional e a influência de outras músicas em suas composições. Ele pretendia atingir o mercado internacional sem perder o estilo e a estética das músicas locais, contribuindo com a popularização, valorização e divulgação das músicas, da cultura e do estilo de vida seychellois.

### **Ser um “músico do mundo”: práticas mais recentes dos músicos seychellois**

De uma maneira geral, percebi que os músicos mais jovens têm uma tendência a se referenciar mais nas culturas estrangeiras do que na cultura local para criar suas identidades artísticas. Por exemplo, a maioria dos jovens entre 18 e 30 anos escutam e/ou tocam/cantam *dancehall*, principalmente com programas de música assessorados pelo computador. Porém, existem exceções. Aparentemente os músicos jovens são mais independentes do Ministério e buscam outras soluções para construir seus projetos musicais. Muitos recorrem aos financiamentos privados e ao apoio de familiares e amigos no exterior, que auxiliam não só na aquisição de materiais, mas também na promoção de seus trabalhos.

Atualmente as instituições públicas e públicas-privadas controlam quase toda produção musical do país. Quando um músico ou um grupo de músicos grava um CD, a difusão da música depende dos contatos que ele/s tem com a SBC (*Seychelles Broadcasting Corporation*), órgão público-privado e principal estação de rádio e televisão do país. O acesso à internet, apesar de ainda ser caro, vem gerando uma mudança de hábitos dos consumidores de música e dos músicos nas Seychelles. Nos últimos, é possível acessar vídeos de músicos seychellois na internet. Isso é bastante novo e resulta de uma diáspora que promoveu a cultura “Seychelloise” a partir, por exemplo, da Inglaterra.

A circulação de artistas das Seychelles pelo exterior e dos artistas internacionais que têm interesse em se apresentar nas Seychelles é administrada pelo escritório da cooperação internacional do Ministério da Cultura. Todos os dossiês normalmente passam por este escritório, no qual uma única pessoa decide as prioridades e os interesses dos projetos. Aparentemente, os representantes do Ministério acreditam que a falta de recursos financeiros, humanos e de comunicação, limitam as relações profissionais e elaboração de projetos internacionais pelos músicos. Essa estrutura, criada pelo Ministério e outras instituições, está no centro de toda a cooperação artística e revela uma vontade de melhor controlar o conjunto das atividades artísticas.

Contudo, a conjuntura está mudando: os músicos estão desenvolvendo contatos fora do país através da internet, que está se tornando uma ferramenta de comunicação para

desenvolver carreiras, manter contatos e fazer promoção dos projetos musicais. Acredito que a diáspora também tem uma função importante no desenvolvimento das músicas “seychellois” diante da falta de recursos no plano local. Com isso, a onnipresença das instituições oficiais locais na produção musical estará fragilizada e as estratégias e possibilidades dos músicos aumentarão gradativamente.

## Conclusão

O presente trabalho demonstrou que os músicos das Seychelles, desde os anos 80, buscam encontrar soluções para atenuar as limitações ligadas à insularidade e problemas de gestão interna, assim como a falta de estruturas que favoreçam o desenvolvimento profissional. A exemplo dos dois casos estudados, as estratégias usadas pelos músicos variam de acordo com suas experiências musicais, pré-disposição para administrar e gerenciar a carreira e os projetos e, finalmente, com o posicionamento dentro da esfera política e social do país. Enquanto Patrick Victor, François Havelock e outros músicos da mesma geração possuem referentes identitários ligados à cultura local e nacional, os jovens seychellois com menos de quarenta anos preferem ouvir e reproduzir ritmos internacionais das ilhas (*reggae, ragga dancehall, etc.*). Um olhar nas práticas mais recentes dos músicos, principalmente os da nova geração, demonstra que eles se inserem em uma conjuntura internacional, usando tecnologias de comunicação e redes fora das Seychelles. Porém, ainda existem músicos que se preocupam com o patrimônio musical local e querem produzir uma música original “seychellois”. Consciente das limitações do mercado local, eles buscam produzir uma música “local” pelo mercado “global” e, assim, inserir-se na corrente da *world music*. Seria muito interessante desenvolver uma investigação mais aprofundada sobre a tensão entre os referentes identitários – que vêm com uma escolha de parâmetros musicais e a definição de uma estética musical própria - e as estratégias de profissionalização e de desenvolvimento de um mercado internacional. O caso das Seychelles levanta questões relacionadas com o estatuto de músicos e visão de desenvolvimento social e cultural local, pois, de um lado, as autoridades se preocupam com o pouco interesse pelas músicas “locais” e com a chegada massiva de músicas exógenas, mas, por outro, contribui para restringir a criatividade dos músicos que, finalmente, têm poucos meios e oportunidade para se exprimirem musicalmente. Uma citação do Laurent Aubert condiz com essa situação:

A mundialização das linguagens musicais não só correspondem a uma imposição do global no local, mas antes da apropriação do global pelo local, em outras palavras ao uso e a adaptação das tecnologias e processos de difusão modernos para responder

às necessidades de cada cultura, de cada grupo humano (Aubert 2001).

Dito de outra forma, os próprios músicos e artistas, ou pelo menos uma parte deles, encontrarão uma maneira de propagar e fazer com que mais pessoas tenham acesso às suas músicas; participarão de uma rede internacional, ou pelo menos regional, de atividades musicais; inspirar-se-ão em diferentes músicas do mundo ao invés de dar uma nova vida às suas raízes.

Um estudo mais completo dos perfis de músicos, a partir da análise de relações entre a produção de discursos e percursos ligados à realidade cultural, social e musical, permitirá melhor entender e definir o processo de profissionalização e os impactos nas escolhas de repertórios, nos gêneros musicais e na construção de uma assinatura individual.

## Referências

Aubert, Laurent (2001) *La musique de l'autre: les nouveaux défis de l'ethnomusicologie*. Genève: Georg / Ateliers d'ethnomusicologie.

Campling, Liam et al. (2011) *Social Policies in Seychelles*. London: Commonwealth Secretariat and United Nations Research Institute for Social Development.

Desroches, Monique et al. (eds.) (2011) *Territoires musicaux mis en scène*. Montréal: Presses de l'Université de Montréal.

Le Menestrel, Sara et al. (2012) *Des vies en musique: parcours d'artistes, mobilités, transformations*. Paris: Hermann.

Jean, Gilly (2013) "Havelock: 'Mon pe ganny kraze', *Le Seychellois Hebdo*, Mont-Fleuri, Mahé, Seychelles, 9 de agosto 2013.

Ruskin, Jesse D. e Timothy Rice (2012) "The Individual in Musical Ethnography". *Ethnomusicology*, 56(2): 299-327.

Stanbury, Lloyd (2012) *Implementation Strategy for Music Industry Development*. Final Report. Government of Seychelles / Unesco.